



# O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



"...Caríssimos irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo, agradeço muito, de todo coração pelas preciosas revistas recebidas, coisa muito rara hoje em dia: poucas pessoas se preocupam em divulgar Cristo conforme nos orienta a Santa Igreja Católica. Graças a Deus "O Desbravador" é uma revista ortodoxa e fiel a Cristo e sua Igreja..."

JOEL ALVES DE OLIVEIRA  
VOTUPORANGA - SP

"...Minha filha recebe as mensagens, e mudamos para..."

ANA HENRIQUE KRAIDE  
SÃO PAULO - SP

"...Conheci a revista "O Desbravador" através de um padre que visitei em Anápolis, gostei bastante da mesma e vejo que ela pode me ajudar e muito, a mim e a minha comunidade. Gostaria de recebê-la sempre...Peço à Virgem Santíssima que ilumine a vocês, dando-lhes coragem para continuar esse trabalho..."

MARIA RAIMUNDA OLIVEIRA DOS SANTOS  
PÉ DE SERRA - BA



"...Li muitas vezes a revista "O Desbravador. É uma revista que nos ajuda na caminhada rumo à santidade, e nos estimula a buscarmos a perfeição em tudo o que fazemos..."

ODAIR JOSÉ MENEGOTTO  
TUPÃSSI - PR

"...Em uma das minhas visitas à igreja de São Francisco, recebi um exemplar deste esplêndido jornal e fiquei muito contente pelo seu conteúdo santo. Gostaria de ter o privilégio de recebê-lo mensalmente em minha residência..."

HELENICE DA SILVA  
SÃO PAULO - SP



## O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»

DIRETOR:  
MESSIAS DE MATTOS

### ASSISTENTES DE DIREÇÃO

ANSELMO LÁZARO BRANCO  
JOSÉ HENRIQUE DO CARMO

### SUPERVISÃO

SELMA AP. L. B. DE MATTOS  
HERIBALDO C. DE BARROS  
GERALDO JOSÉ DE MATOS

### COMPOSIÇÃO

ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"

### REDAÇÃO

REINALDO R. DOS SANTOS  
RONILSON VERÍSSIMO  
NILTON R. DOS SANTOS  
SÁVIO FERNANDES BEZERRA  
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA  
FRANCISCO DE ASSIS DA SILVA

### SECRETARIA

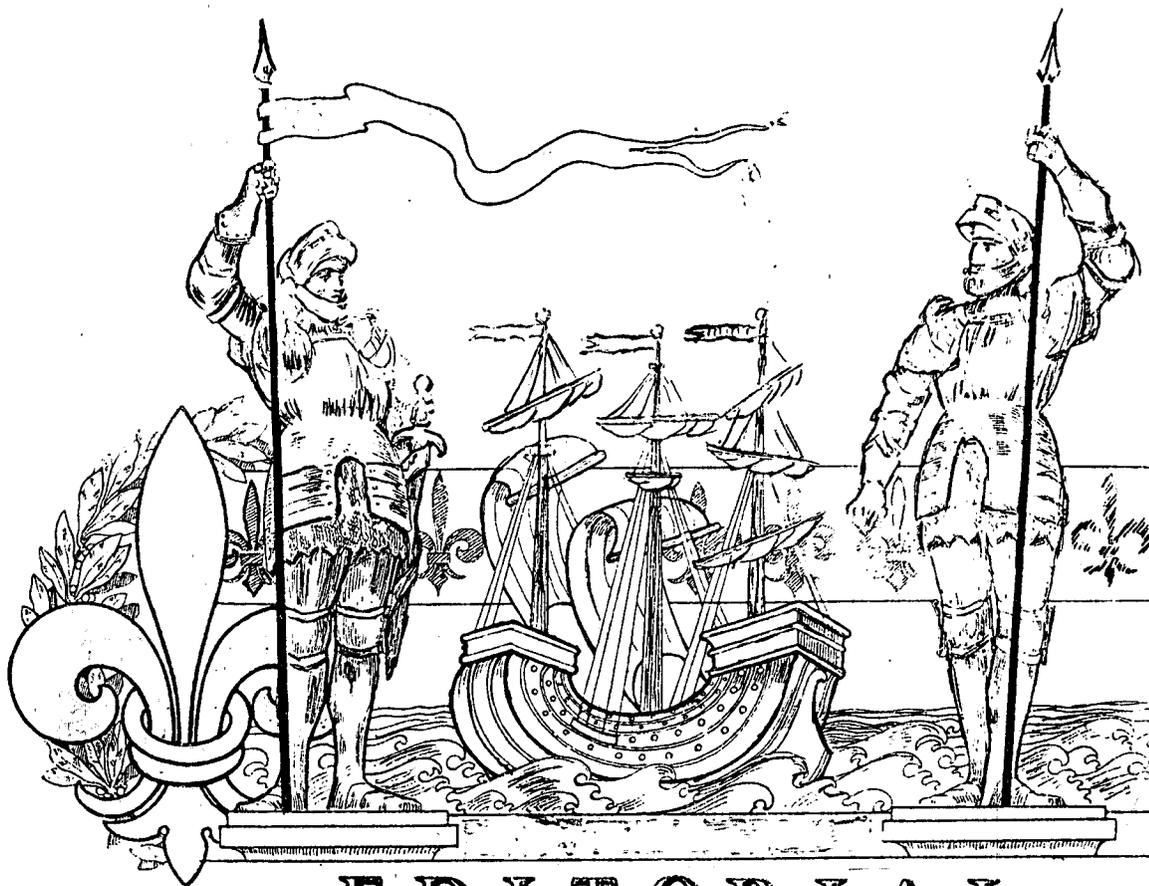
SHEFFERSON SANDER FERREIRA  
PATRÍCIA MIDÕES  
MARIA DO CARMO M. RUFINO

### EXPEDIÇÃO

WALADIER NERI S. MACHADO  
GERSON FERNANDES DOS SANTOS  
JOÃO ELCI DO ROSÁRIO  
JORGE HENRIQUE SIQUEIRA RIBEIRO  
RENATO VERÍSSIMO  
ROGÉRIO VERÍSSIMO

### CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL - 6416  
01064-970 - SÃO PAULO SP



## EDITORIAL

Quantas pessoas em nossos dias vêm à procura de uma espécie de "paraíso terrestre", isto é buscam neste mundo uma vida regalada, sem dores nem sofrimento, com todos os confortos e voltada somente para as coisas passageiras que temos diante de nós.

É coisa mais do que frequente essas pessoas se desiludirem, porque tal "paraíso" não existe e a frustração é a consequência natural de suas vidas. Esquecem-se tais pessoas que somente Deus pode preencher o coração do homem. Esquecem-se, ademais, que longe do Criador não há felicidade possível, e mais: esquecem-se que - no dizer de Santo Agostinho - nosso coração não terá paz enquanto não repousar em Deus.

Em resumo vivemos uma tragédia: o homem moderno se distanciou de Deus e como paga somente adquiriu desgraças. As consequências desse distanciamento saltam aos olhos: a AIDS se propaga de forma espantosa, as doenças psíquicas crescem em ritmo vertiginoso, o consumo de drogas é cada dia maior, espalha-

-se a onda de suicídio entre os jovens, a tal ponto que nos Estados Unidos um jovem se mata a cada seis horas. É um mundo sem Deus, é portanto um mundo infeliz.

E essa infelicidade não para por aí. Na medida em que não segue ao Criador, na medida em que se afastou da Verdadeira Igreja, a Católica, o homem moderno está caminhando para a maior das desgraças: está perdendo sua alma, está adquirindo o inferno, ou seja está sendo infeliz neste mundo, será infeliz na hora da morte, e, o tragédia, será infeliz por toda a eternidade.

Quadro trágico este. Por outro lado é um quadro que nos obriga a lutar. Lutar para que mude esta situação. Combater em todos os momentos os erros modernos. Trabalhar com todas as forças pela conversão dos homens. E, de modo particular e especial, rezar, rezar muito a Nossa Senhora, para que Ela nos preserve do dilúvio de maldade que nos assola, e nos faça neste fim do século XX verdadeiros membros da Santa Igreja.

## “POR QUE ?”

Por que muita gente sabe o que é certo, mas prefere seguir o caminho errado?

Por que as pessoas pensam tanto nas coisas desta vida terrena, passageira, e descuidam da eternidade?

Por que há pessoas que trocam estupidamente a eternidade por um instante de falsa alegria deste mundo?

Por que tantos erros espalhados por aí e quase ninguém que os ataque?

Por que tanta imoralidade e tantos que a aceitam?

Por que quem quiser verdadeiramente ser bom logo será criticado e sofrerá a posição?

Por que tantos tiram sua própria vida?

Por que o jovem de hoje usa drogas?

Por que há pessoas que outrora criticavam certas modas e hoje as aceitam sem pestanejar?

POR QUE TUDO ISSO???

## “E DEPOIS ?”

Você está no ginásio ou no colégio, e depois o que fará?

Você fará a faculdade, e depois?

Você seguirá uma carreira, e depois?

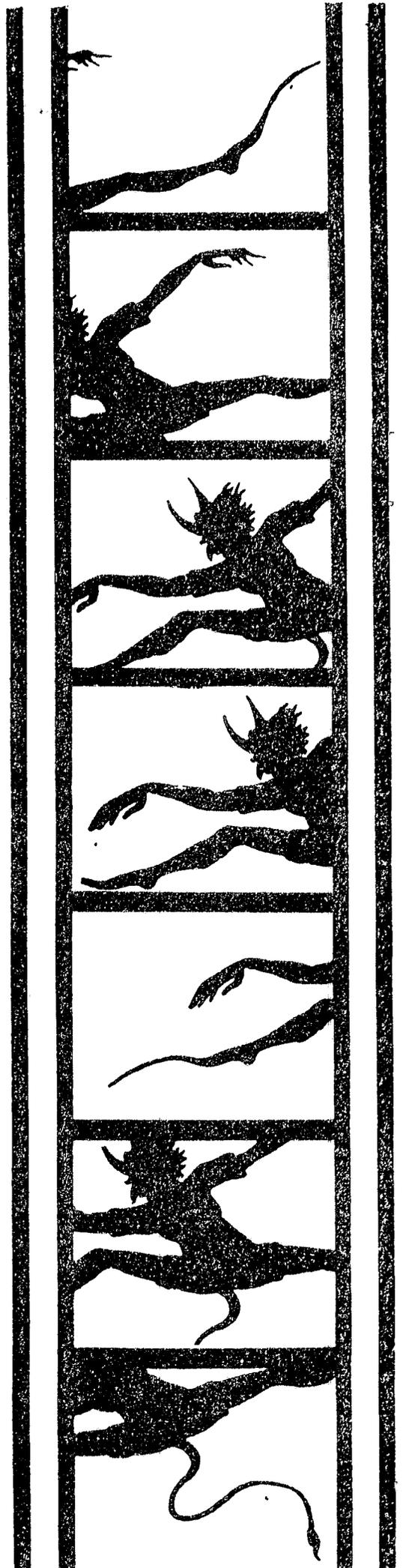
Você subirá na vida, será famoso (a), terá muito dinheiro e muitos amigos, e depois? Depois o que você fará?

Você será um grande político, por exemplo ou uma professora de faculdade, e depois?

Você conseguirá realizar todos os sonhos, e depois?

Bem, depois, ao final de nossa vida, morreremos, seremos julgados e teremos uma eternidade pela frente. Eternidade feliz se tivermos seguido e servido a Deus, eternidade infeliz se O tivermos rejeitado.

LEMBRE-SE: "QUE ADIANTA AO HOMEM GANHAR O MUNDO SE ELE PERDE SUA ALMA".



# GUARARAPES

Uma coruja piou no escuro. Incomodada com a presença de tantos homens no meio da mata, e adivinhando que naquela noite nada conseguiria caçar em seu território habitual, soltou ainda um último piado de protesto, e depois, saltando na palmeira que coroava um dos três montes Guararapes, encaminhou seu vôo sombrio e silencioso para a várzea, lá perto do mar.

Noite de 18 de abril de 1648. No sopé das colinas, o amálgama confuso de brancos, negros e índios mal armados e famintos que os brasileiros intitulavam seu "exército", dormia, espalhado pelo solo. No alto, bem próximo da palmeira da coruja, um sentinela solitário velava.

O sentinela velava e cismava. Pela centésima vez cravou os olhos na escuridão, e pela centésima vez "viu" a mesma coisa: ao sul, o acampamento brasileiro; a leste, o mangue que se estendia até o mar; e ali, bem ao seu lado, entre a colina e o mangue, a estrada onde pela manhã, o poderoso exército holandês teria que passar.

O exército holandês! 5.200 soldados profissionais e bem treinados, com boas armas e artilharia, com capacetes e couraças, carregando 60 bandeiras e comandados por um general que havia jurado aniquilar definitivamente toda veleidade de reação ao domínio dos Estados do Brasil.

E para enfrentar essa força, todo o exército brasileiro, eram 1.200 homens que o sentinela via dormindo na colina, a seus pés: índios armados de flechas e tacapes, negros com lanças e facões, e brancos com velhas armas de caça, todos sem comida e sem artilharia...

E o sentinela, abanando a cabeça, refletia: Era pouco, era muito pouco...

Dias Vidal, o sentinela, cismava. Não que ele estivesse com medo. Estando no combate aos herejes da Holanda a mais de doze anos, não seria agora que o medo iria assaltar. Mas há coisas, como o desânimo...



mo, que são os piores que o medo. E Dias Vidal, naquela noite, ao considerar o poder e o fauto dos heréjes, e a enorme fraqueza dos homens que defendiam a verdade, era um homem profundamente desanimado.



Dias Vidal cismava. De que adiantaria lutar na manhã seguinte? Com tamanha disparidade de forças, não era quase certo que seriam derrotados? E depois, se por um milagre conseguissem vencer, de que isso adiantaria? Pois não era certo que a Holanda possuía a armada mais poderosa do mundo, e que poderia continuamente enviar mais armas, mais soldados e mais canhões? E que auxílio os brasileiros poderiam esperar de Portugal, envolvido por todas as complicações de uma guerra dinástica e sem dinheiro para fazer nada? E não eram verdadeiras as notícias que corriam, segundo as quais o rei de Portugal, cansado de guerras, já havia entregado o norte do Brasil para a Holanda de maneira oficial e definitiva? Se os grandes lá na Europa, já haviam se decidido pela capitulação, de que adiantava lutar? Não seria mais prudente aceitar a vida tranquila e folgada que os holandeses prometiam aos brasileiros que cessassem de resistir? É verdade que eles não costumavam cumprir essa promessa, e que no dia anterior mesmo haviam degolado a quarenta católicos... Mas quem sabe se dessa vez não seria diferente? De qualquer forma, cessando a resistência sempre haveria uma chance, e que chances haveria em continuar essa luta suicida?



Todos esses pensamentos agitavam a mente de Dias Vidal enquanto, cabisbaixo e fuzil no ombro, ele de um lado para outro caminhava no meio da noite. E que noite propícia para os pensamentos sombrios! Agora já não chovia, mas havia poças sujas e lama por toda parte. O céu cheio de nuvens e carregado de maus presságios não deixava filtrar nenhuma luz. Nenhum grilo, nenhum vagalume, nada. Depois do piar da coruja, só restou o mais completo silêncio. Um silêncio úmido, angustiante e opressivo, que parecia convidar ao desânimo, ao desespero, à fuga.



"Vou-me embora", pensou Dias Vidal. "Não há lógica em ficar aqui e se deixar matar como um verme, sem motivo nenhum. Vou aproveitar agora que todos dormem. Vou fugir, vou..."

Um leve tilintar interrompeu bruscamente os seus pensamentos e o fez estacar, paralizado. Quando ele se voltava, procurando o caminho para descer a colina, a ponta de sua espingarda havia roçado em algo e produzido aquele ruído, que no absoluto silêncio da noite, soava como um sininho fracamente tangido.

Levemente curioso, e um tanto assustado, Dias Vidal se voltou, procurando a razão daquele tilintar. No escuro percebeu que ali havia um tronco. Mas um tronco não produziria aquele som. Devia ser outra coisa...



Encostando a espingarda, procurou no bolso do gibão a pederneira e o pavio de fogo. Algumas faíscas, e logo uma chama, conduzida por uma mão um pouco nervosa e seguida por um olhar ansioso, explorava a superfície rugosa do tronco. Cravado horizontalmente a uma certa altura do solo, está um enorme facão. E sobre ele entre dois tocos de vela apagados, uma sorridente imagem da Santa Virgem, tendo na mão direita o Menino, e na esquerda, um pequenino rosário de prata, que ainda balançava.

Parado, gelado, estático com o pavio aceso entre os dedos, Dias Vidal olhava aquela imagem que os brasileiros haviam ali posto à tarde, para rezarem o Angelus, mas cuja presença ele havia esquecido, e que agora, no meio da noite, parecia surgir especialmente para ele, para lhe sorrir e perguntar: "Então, meu filho, você se esqueceu de mim?"



Dias Vidal se havia esquecido. preocupado com os próprios problemas, pensando só em si, ele havia esquecido o que naquela mesma tarde o padre pregador havia dito a todo o exército: Que aquela luta, mais que defesa da terra invadida pelo estrangeiro, era uma cruzada em defesa dos interesses de Deus; que sendo assim, não se preocupassem os nossos com ninharias tais como a falta de comida ou de munições, que tivessem confiança, que rezassem à Virgem do Rosário, e que tudo se resolveria...

Rezar à virgem do Rosário... Há quanto tempo Dias Vidal já não rezava mais! Não seria essa a causa de sua depressão e de seu desânimo? E se ele, em lugar de fugir, rezasse um pouco e pedisse essa confiança de que necessitava?





Desajeitado, confuso, querendo falar algo mas sem saber ao certo o quê, Dias Vidal pensou em se ajoelhar. Mas antes levantou o pavio e acendeu as duas velas que la deavam a imagem. E então algo maravilhoso aconteceu: como se estivessem sem esperando apenas este sinal, as nuvens do céu se abriram, e as estrelas começaram a brilhar.

Primeiro uma, depois outra, em rápida sucessão, e o céu se foi semeando de luzes, sob o olhar encantado e comovido de um sentinela ajoelhado aos pés de um oratório. Finalmente, quando se poderia supor que a maravilha era tão grande que nada mais a faria aumentar, uma última nuvem se retirou e descobriu lá no céu, as cinco chagas luminosas da constelação da Cruz. E aqui na terra, no alto da colina de Guararapes, Dias Vidal, ajoelhado se persignou e sorriu. Num relance, quase numa revelação, ele havia compreendido tudo: A Santíssima Virgem de tal forma amava aquela terra, que lhe havia dado uma imensa vocação. E mesmo quando seus filhos se esqueciam disto, e se fechavam egoisticamente em si mesmo, dizendo que o importante era viver bem e se divertir, mesmo aí essa boa Mãe os perseguia com suas graças, lembrando que os criava para serem heróis. E bastava que aqueles homens parassem um instante, bastava que dessem ouvidos ao murmúrio de um rosário, bastava que acendessem uma luz, para que a Senhora imediatamente lhes sorrisse, com um sorriso tão poderoso que fazia os céus se abrirem, e o próprio Deus osabençoar.



Em nome da Terra de Santa Cruz, o sentinela recolheu aquela bênção de luz, e se levantou. Logo mais, seria dia, e estava próximo o instante em que se poderia avistar, marchando em direção à colina, o orgulhoso exército holandês, com seus tambores tocando, suas sessenta bandeiras desfraldadas ao vento, e suas cinco mil couraças brilhando ao sol. Mas agora Dias Vidal não receava mais nada. Aqueles homens esfarrapados e famintos que dormiam sobre o chão de Guararapes tinham no céu uma Senhora que lhes sorria e uma Cruz que os abençoava. E enquanto eles não se esquecessem dessa Senhora e dessa Cruz, não haveria inimigo no mundo que os pudessem derrotar.

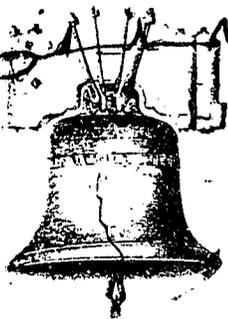


RECIFE - (Guararapes) - N. Senhora dos Prazeres

(NOTA: Como se sabe, naquele dia os holandeses foram fragorosamente derrotados pelo pequeno exército brasileiro. Um historiador protestante conta que, segundo o depoimento dos próprios soldados holandeses, "durante a batalha apareceu ao lado brasileiro uma Senhora Luminosa, que estimulava os católicos, e lhes dava ânimo para lutar"...).

# LADRÃO! LADRÃO!

UMA HISTÓRIA DOS TEMPOS EM QUE HAVIA DIGNIDADE E HONRA



Um mercador voltava de uma feira, onde fizera grandes negócios. Colocara toda a sua fortuna em belas moedas de ouro, numa bolsa de couro. Ia assim por vales e montes. Chegando à cidade de Amiens, passou diante de uma igreja e, como tinha por hábito, entrou para rezar diante da Mãe de Deus, e pôs a bolsa ao lado. Quando se levantou, distraiu-se, partindo sem ela.

Havia na cidade um burguês que, ele também, tinha o costume de ir rezar aos pés da Bendita Virgem. Veio ele pouco depois ajoelhar-se no lugar que o outro acabara de deixar, e encontrou a bolsa, selada e guarnecida de um pequeno fecho, e compreendeu logo que devia conter moedas de ouro.

Meu Deus, que fazer? - murmurou surpreso - se mande apregoar pela cidade o que encontrei, não faltará quem o reclame contra todo direito.

Decide então guardar a bolsa num cofre até aparecer alguém à procura. Dito e feito. Voltou para casa e, com um pedaço de giz escreveu na porta: "se alguém perdeu algo, que venha aqui".

Nesse ínterim tinha o mercador se dado conta do esquecimento.

- Pobre de mim! - exclama - perdi tudo. Estou aniquilado.

E voltou à Igreja na esperança de recobrar o perdido: nada de bolsa. Foi ter com o padre, mas nenhuma informação obteve. Perturbado, deixou a igreja e pôs-se a vagar pela cidade.

Passando diante da casa do burguês que encontrara a bolsa, vê as palavras escritas na porta. Vê, também, o burguês postado na janela, e aproxima-se:

- Sois vós, senhor, dono desta casa?

- Sim, senhor, enquanto Deus o permitir. Em que vos posso servir?



- Ah, senhor, por Deus, di-zei-me: quem escreveu essas palavras em vossa porta?

O burguês finge nada saber.

- Senhor, passa por aqui muita gente, sobretudo estudantes que gostam de escrever onde quer que lhes passe pela cabeça. Mas, perdestes algo?

- Tudo o que possuía.

- O que, precisamente?

- Uma bolsa de couro, guardada de um fecho e selada, repleta de moedas de ouro. E descreveu a bolso e o selo.

O burguês compreendeu sem dificuldade que aquele homem dizia a verdade, e conduzindo-o a seu quarto, devolve-lhe a bolsa.

Vendo a lealdade do burguês, o mercador fica todo embaraçado:

- Beau Sire Dieu-pensa- não sou digno de possuir esse tesouro. Esse honesto burguês é mais digno disso que eu. E voltando-se para ele:

- Senhor, este dinheiro estará melhor colocado em vossas mãos do que nas minhas. Eu vô-lo entrego e recomendo a Deus.

- Ah, caro amigo, exclama o burguês, tomais vossa bolsa, por favor; dela não tenho nenhum direito.

- Não, diz o mercador, não a mereço. Permita Deus que não a retome.

E foge correndo. O burguês põe-se a correr atrás, aos brados:

- Ladrão, ladrão, prendei-o. Os vizinhos o escutam, saem, detêm o mercador e o conduzem ao burguês:

- Ei-lo. Que vos roubou ele?

- Ele quis roubar-me a honra e a lealdade, que conservei por toda a vida.

E contou toda história aos vizinhos, que obrigaram o mercador a retomar seu dinheiro.



## A MODA A SERVIÇO DO DEMÔNIO

Santo Ambrósio, Bispo de Milão (333-397) encontrou-se um dia com uma senhora indecentemente vestida, que se aproximava da igreja.

- Aonde vai a senhora? perguntou-lhe o santo.

- Vou à igreja rezar. Respondeu ela.

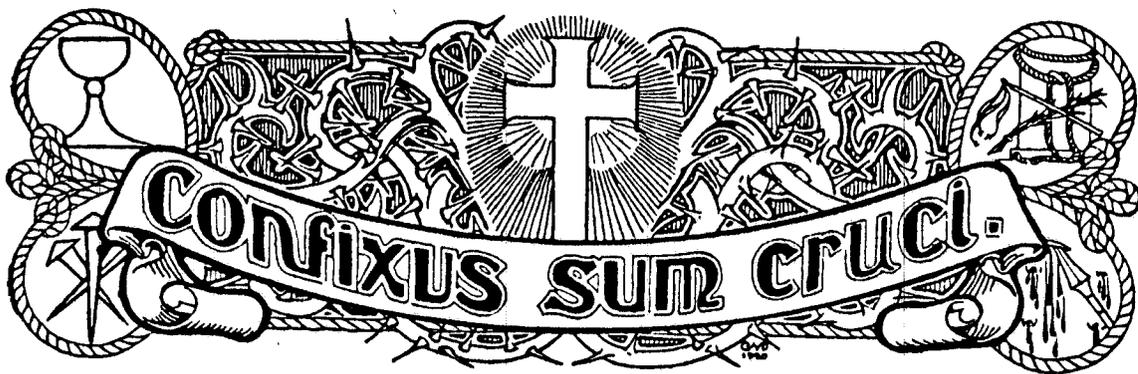
- À igreja? Assim vestida? Qual! A senhora não vai rezar; a senhora vai

fazer o ofício do demônio, escandalizar as almas fiéis!...Retire-se daqui, escandalosa!...Vá para sua casa chorar sua iniquidade e seus escândalos...

E o santo Bispo não lhe permitiu a entrada na igreja!...

Quantos Bispos como Santo Ambrósio seriam necessários hoje em dia!...





As festas litúrgicas da Santa Igreja abrem para os fiéis os tesouros da misericórdia divina, pois nelas há uma enorme alusão de graças segundo o mistério da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Nossa Senhora ou dos Santos, que se celebra.

Nesta semana, considerada Santa entre todas, comemora-se o mistério dos mistérios, a morte ignominiosa que o Filho de Deus quis sofrer para abrir ao gênero humano as portas do céu. Qual a graça especial que devemos alcançar em nossos atos de piedade? Um sermão de São Bernardo nos esclarece nesse sentido ("Obras completas de San Bernardo", ABC, Vol. I, pág. 996).

A Paixão foi um prodígio do Amor de Deus. Querendo recuperar esta nobre criatura que é o homem — observa o grande Doutor da Igreja — Deus só podia dispor as coisas de modo a que o homem voltasse a Ele por um movimento próprio, livre e espontâneo. Pois se obrigasse pela força o homem deixaria de ser um ente dotado de livre arbítrio e se identificaria com o animal bruto.



Assim, por meio dos profetas, fez ver às suas criaturas os tormentos eternos a que estariam sujeitos na eternidade, se não se convertessem. "Ameaçou com as trevas eternas mais terríveis que se possa imaginar, com vermes imortais, com um fogo inextinguível".

Mas, como não alcançasse atrair os homens apenas pela vida do temor, a Providência acenou com as bem-aventuranças eternas, com aquelas coisas que são sumamente apetecíveis à vida, vida feliz e

para sempre. Considerando que as pessoas são tão apegadas a esta vida miserável e momentânea, muito mais ainda haveriam de desejar a vida repousada, eterna e bem-aventurada. Deus prometeu então, para quem fosse fiel, a vida eterna, aquela vida que olho algum jamais viu, nem ouvido jamais ouviu, nem jamais imaginou o coração do homem.

Vendo, porém, que nem o temor das penas, nem o desejo da bem-aventurança moviam os homens, o Todo-Poderoso resolveu lançar mão de um último recurso para que suas criaturas retornassem a Ele livremente: o Amor.

"Assumi, pois, nossa natureza e tão amável se mostrou, que usou para conosco aquela caridade que ninguém pode ter maior: deu a vida por nós"



E São Bernardo pondera que aquele que for tão acelerado que nem com isso se converta, haverá de ouvir esta queixa tão veraz quanto amarga: "Que outra coisa devia fazer por ti, que não tenha feito?" (Is. V.4).

Ai dos que, segundo a expressão de São Paulo, "crucificaram novamente a Jesus Cristo" (Heb. VI, 6) Que se lembrem das palavras do mesmo Apóstolo, na Epístola dos Hebreus: "Quanto maiores tormentos merece o que tiver calcado aos pés o Filho de Deus, e tiver considerado como profano o sangue do testamento, com que foi santificado, e tiver ultrajado o Autor da graça? Porque nós sabemos quem é o que disse: "A mim pertence a vingança e eu saberei fazê-la", E outra vez: "O Senhor julgará seu povo. É coisa horrenda cair nas mãos de Deus vivo" (Heb. X, 29-31).

## FONTE DE MISERICÓRDIA

Mas esta é a ocasião por excelência de considerarmos o Sacrifício de nosso Redentor, que abriu para nós uma fonte infinita de misericórdia. Tiremos "com gosto águas das fontes do Salvador" (Is. XII, 3), e nossas almas sairão cheias de vida, puras, radiantes de uma beleza celeste. Não restará em nós traço algum das antigas manchas, se quisermos realmente tirar proveito espiritual das graças da Semana Santa.

Focalizemos, à guisa de exemplo, algumas circunstâncias da Paixão, que, parece-nos, devem reter especialmente nossa atenção.

Primeiramente, a morte de Nosso Senhor Jesus Cristo no alto da Cruz. As três horas da tarde, segundo a tradição, Ele pronunciou o "consumatum est", e sua alma santíssima separou-se de seu corpo sagrado.



O sol se obscureceu, a terra tremeu, o véu do templo se rasgou e se abriram as sepulturas dos justos que começaram a andar pelas ruas de Jerusalém, recriminando os responsáveis pelo deicídio. Mas ao mesmo tempo em que a cólera de Deus estava sobre a terra, consumava-se a Redenção e abria-se para nós a fonte de todas as graças.

Outra cena marcante da Sexta-feira Santa é a perturbação do Coração de Jesus pela lança de Longinus. O próprio símbolo do amor é atingido pelo furor dos perseguidores. Embora se atribua a esse gesto a intenção de evitar uma agonia prolongada — uma certa eutanásia — foi o ódio dos inimigos que o colocou na condição de receber um ferimento até em seu Coração sagrado. Jorraram assim as últimas gotas de sangue misturadas com água, indicando a extrema de misericórdia, bondade, condescendência para conosco.

Cena pungente entre todas é a de Nosso Senhor exangue, deitado no colo de Sua Mãe Santíssima. É a imagem conhecidíssima de Nossa Se-

nhora da Piedade, representando a dor incomensurável que Ela sentiu pelos padecimentos de seu divino Filho.

Podemos lembrar ainda o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo no sepulcro, lívido, completamente isolado, e a Soledade de Nossa Senhora. Aquela solidão na qual Ela ficou desde a morte de Jesus até a Ressurreição.



## GRAÇAS A PEDIR

Em função de cada um desses aspectos da Paixão, que graça pedir?

Diante de Nosso Senhor expirando na cruz devemos suplicar a conversão de nossas almas, uma graça fulgurante que represente uma grande ascensão na vida espiritual. Em virtude do pecado original nossas más inclinações e pecados atuais continuamente opomos resistência à graça de Deus.

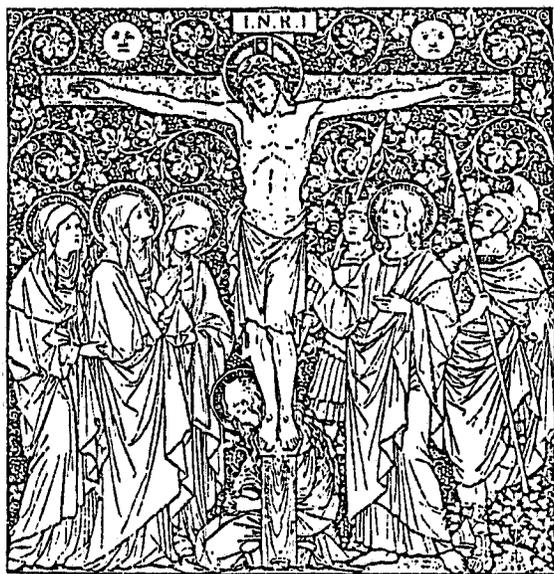
O caminho para a santidade se faz assim através de conversões sucessivas. E podemos nutrir um justo receio de que nossa maldade impeça a conversão interior. Mas, à vista de um sacrifício que foi até a morte, de uma misericórdia obtida pela efusão de um sangue que não tem preço, podemos pedir e esperar essa graça das graças. Que pela intercessão de Nossa Senhora, Nosso Senhor arrombe as portas de nossas almas que ainda estejam fechadas para Ele, e nos transforme completamente.



A vocação de cada um de nós é o coração de nossa vida espiritual. Face a Nosso Senhor com o Coração chagado, devemos suplicar que Ele tenha pena dos católicos de hoje em dia que lutam com ingentes dificuldades para se manterem fiéis à vocação de apóstolos do século XX.

Que Ele auxilie com misericórdia superabundante os que trabalham para sua santificação pessoal, como também conduza com segurança para a Barca de Pedro todos aqueles que nas águas revoltadas do mundo, caminham para Ela.

O espetáculo pungente de Nosso Senhor morto deitado no colo de Nossa Senhora, deve nutrir em nossas almas uma suma condolência. Em primeiro lugar, peçamos a graça de termos o senso da Paixão. Muita gente há que medita — quão mais numerosos são os que nem meditam — a Paixão de Cristo como algo antigo, um fato do passado que nada tem a ver com sua pessoa. Pelo contrário, "christianus alter Christus". Todo cristão deve ser uma reprodução viva de Cristo. De modo tal que as chagas dEle estejam cravadas em nossas almas. Que nossas dores sejam as dores dEle. Que tenhamos continuamente diante de nós a Paixão de Cristo, eis a graça a alcançar.



Este ponto nos ensina também a pensar na Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Como frisou Paulo VI. Ela sofre hoje um processo de autodemolição. "A fumaça de Satanás, penetrou pelas frestas do templo sagrado"... Filhos da Santa Igreja, não podemos permanecer indiferentes às suas dores.

Diante de Cristo no sepulcro, lívido, abandonado, devemos nos lembrar da Ressurreição. Cristo morreu, mas ressuscitou. Quanto à Santa Igreja, Ela é imortal. Em muitas ocasiões na História, Ela até parece ter morrido. Mas ressurgiu sempre de suas derrotas e humilhações, esplendidamente vitoriosa! Cada prova que atravessa representa um acréscimo de glória. Quanto ao nosso século, Nossa Senhora prometeu uma insigne vitória da Igreja sobre seus adversários internos e externos. Ela sofrerá perseguições... mas, depois de uma terrível purificação, estabelecer-se-á na terra o Reino de Seu Imaculado Coração. "Por fim, meu Imaculado Coração triunfará", prometeu a Virgem em Fátima. Supliquemos a graça de que isto se realize ainda em nossos dias. Que tenhamos a graça de ver o Reino de Maria, de ver a aniquilação do comunismo, a conversão da Rússia, e a inauguração, na terra, de uma era mortal. Assim seja.

NOTA: O presente artigo foi publicado em um jornal de São Paulo, há alguns anos por ocasião de uma Semana Santa. Devido à beleza e profundidade do mesmo preferimos manter o seu texto inalterado.

## O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»

# pede ajuda

Desde o início de sua existência (1980), "O Desbravador" tem sido enviado a milhares de pessoas gratuitamente. E é vontade de sua direção que assim continue. Mas a situação atual nos força a mais uma vez apelarmos para a boa vontade de nossos leitores. Para tanto pedimos a sua colaboração, qualquer que seja ela. Ela pode ser feita nas contas bancárias abaixo, de qualquer agência dos bancos mencionados:

BANCO ITAU - Agência 0003 - Mercúrio - São Paulo SP - Conta Corrente nº 00433-0, em nome do Grêmio Esportivo, Recreativo e Cultural Santa Maria  
BRADESCO - Agência 278-P - Gazômetro - São Paulo SP, Conta Corrente nº 24019-2, em nome do Grêmio Esportivo, Recreativo e Cultural Santa Maria

# UM ERRO PROVIDENCIAL



Admiremos no fato seguinte as maravilhas da Ternura Maternal da Maria em favor de uma pobre alma transviada.

Uma noite, o padre Baron, vigário em Douai, fora chamado para confessar uma moribunda. Por causa da noite escura enganou-se e entrou em outra casa.

Entretanto, uma mocinha que encontrara no corredor, lhe disse que, no segundo andar, número tanto, havia uma pobre mulher que iria morrer em breve. Soberbe, bate à porta e um homem, mau encarado e anti-católico, apresenta-se furioso, perguntando-lhe o motivo de sua visita.

Num abrir e fechar de olhos, o padre distinguiu uma senhora de feições cadavéricas, deitada no chão, no fundo do quartinho. Quer adiantar-se, o homem furioso impede-o, ameaçando jogá-lo escada abaixo. A mulher, porém, disse com voz débil: "Pelo amor de Deus, Padre, vinde aqui, quero me confessar!"

O padre, com voz imperiosa, disse ao homem louco de raiva: "Vede, senhor, não posso recusar o atendimento a essa mulher; não tendes o direito de me impedir. Em Nome de Deus, retirai-vos por alguns instantes!"

O homem como que subjugado, retirou-se para o quarto vizinho. "É a Virgem que vos manda, disse a moribunda; meu marido, até hoje, resistiu a todas as minhas súplicas, recusando deixar vir um padre. Faz dez anos que não pos-

so ir à igreja por causa dele; contudo cotidianamente rezei a Ave Maria, com muita confiança, esperando ser atendida cedo ou tarde. Minha esperança não foi enganada. Estou para morrer! Quero confessar-se já!" Acaba a confissão, o padre perguntou à moribunda de que modo conseguira mandá-lo chamar.

Disse a senhora: "Não mandei ninguém". "Mas não sois a fulana de tal?" Perguntou-lhe o padre. "Não senhor; até nem conheço essa pessoa". "Mas, não é esta a casa número 30, da rua São Tiago?" "Não senhor, aqui é o número cinquenta".

Por causa das trevas da noite, o padre enganara-se de porta, e, graças a esse erro providencial, a moribunda reconciliara-se com Deus. Ouvindo isso, o padre prostrou-se para agradecer a Deus por este engano. "Agora, vou ver a senhora que me mandou chamar; voltarei em breve para trazer-vos o Viático".

Meia hora depois, estava de volta, mas, encontrou um cadáver, e o marido ajoelhado, manso como um cordeiro. Assim, a Virgem atendeu à oração da pobre mulher, mandando-lhe a salvação na hora mesmo da morte. O padre, perante o marido, repetiu as palavras da Saudação Angélica de cuja eficácia acabava de ser mais uma vez testemunha: "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte".



## O MASSACRE DOS CRISTÃOS

(NARRADO POR SEPTIMIO)

"Uma espécie de gente, muito característica, Flávio, apareceu no Estado. Encontram-se às ocultas e recusam-se a queimar incenso diante dos deuses oficiais. Não saúdam Cesar quando passa e praticam estranhos ritos.

O Imperador Cláudio mandou prender milhares delas para o pasto dos leões. Nero mandou enfiá-las em postes e cobri-las com um traje de breu. E depois, certa noite, ateou-lhes fogo e fê-las desfilar pela cidade como tochas ardentes. Nossos imperadores romanos experimentam profundo prazer em torturar homens, mulheres e crianças que morrem sem uma palavra de protesto.

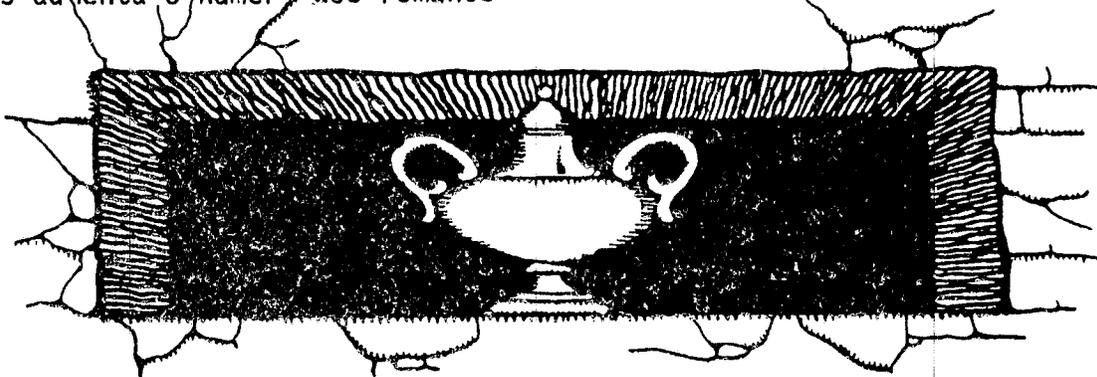
Meu amigo Petrônio me disse que tem suspeitas de que os indivíduos são conformados por algum poderoso espírito que paira sobre eles. Na última semana, quando Petrônio foi ver uma moça, que ia ser queimada numa estaca, ficou bem perto dela, no momento que a amarravam, e pode ouvi-la murmurar: "VIRGEM MÃE". Petrônio imagina que são palavras mágicas, de tal poder que tornam os cristãos capazes de morrer tão bravamente. Essa gente, diz ele, deve ser encantada. Suportam os maiores suplícios, de resto, impassíveis. Muitos deles retiram-se para o deserto, a viver sozinhos em grutas, flagelando-se, e rezando. Cada vez mais aumenta o número dos romanos

que procuram esses cristãos, os quais lhes prometem salvá-los das orgias dos Césares e mostrar-lhes um reino muito maior que o Império Romano. Negariam eles a divindade de Cesar, esses rebeldes que partem o Pão, oferecem Vinho e cochicham orações quando se encontram?

Que poder, humano ou divino, Flávio, sustenta esses homens? E que conta mágica é essa que conserva o seu número sempre em aumento a despeito de serem milhares deles queimados na estaca ou devorados pelas bestas selvagens?

Ontem assisti a uma função noturna, no circo. Nero arranjou novo sistema de iluminação para o espetáculo. Em lugar das costumeiras tochas, o circo foi iluminado pelo clarão dos mártires em chama... Vi-o com meus próprios olhos e não va luz brilhou em mim. Sinto... não digá isso a ninguém... Sinto que estou me tornando cristão!..."

Ainda ontem, nova turma foi lançada aos leões, no Coliseu. O odor do sangue e das entranhas dilaceradas dominou os perfumes árabes com que o Coliseu havia sido banhado. O espetáculo era repugnante. Contudo, exerceu mágico efeito sobre os espectadores. Muitos deles desceram para a arena, convertendo-se ao Cristianismo.



# O SORRISO DA VIRGEM

Quatro anos após a definição do dogma da Imaculada Conceição, Nossa Senhora se dignou baixar à terra para confirmar de um modo estupendo a declaração do Papa Pio IX, de santa memória.

Foi em Lourdes, na França, que Nossa Senhora apareceu repetidas vezes à inocente Bernadete e na última aparição disse: Eu sou a Imaculada Conceição.

Quem refere o seguinte episódio não é nenhum devoto, nem sequer bom cristão. Ele escreve:

"Quando já se falava muito das aparições de Lourdes, achava-me em Caunterets, povoação próxima de Lourdes, mais para distrair-me do que para curar-me. Achei graça ao ouvir que a Virgem sorria para Bernadete e resolvi ir a Lourdes para ver a Vidente e surpreendê-la na mentira. Fui a casa dos Soubroux e encontrei Bernadete sentada à porta cerzindo umas meias. Pareceu-me o seu rosto bastante vulgar; apresentava sinais de enfermidade crônica ao par de muita doçura. A insistências minhas contou-me as aparições com toda a simplicidade e convicção.

- Mas é verdade que a Virgem sorriu?

- Sim, sorriu.

- E como sorria?

- A menina olhou-me com ar de espanto, e disse:

- Mas, senhor, seria preciso ser a gente do céu para repetir aquele sorriso.

- Não o poderia repetir para mim? Sou incrédulo e não creio em aparições.

O rosto de Bernadete tornou-se triste e severo.

Então julga o senhor que menti?

Senti-me vencido. Não, aquela menina tão cândida não podia mentir. Ia pedir-lhe desculpas, quando ela acrescentou:

- Bem; se o senhor é um pecador, tentarei imitar o sorriso de Nossa Senhora.

A menina ergueu-se lentamente, juntou as mãos e um reflexo celeste iluminou o seu rosto. Um sorriso divino, que jamais vi em lábios mortais, encantou os meus olhos... Sorria ainda, quando caí de joelhos, vencido pelo sorriso da Imaculada nos lábios da ditosa Vidente.

Desde aquele dia nunca mais se me apagou da imaginação aquele sorriso divino. Passaram-se muitos anos, mas a sua recordação enxugou-me muitas lágrimas ao perder minha esposa e minhas duas filhas... Parece-me estar só no mundo e vivo do sorriso da Virgem".

